



O ESTRUTURALISMO  
JEAN PIAGET

  
DIFEL

JEAN PIAGET

# O ESTRUTURALISMO

DIFEL

1979

DO MESMO AUTOR

Publicado em português por esta Editora:

***A Psicologia da Criança*** (em colaboração com B. Inhelder)  
***Sabedoria e Ilusões da Filosofia***, 1969

JEAN PIAGET  
O ESTRUTURALISMO

Tradução de  
MOACIR RENATO DE AMORIM  
3ª edição

DIFEL  
São Paulo – Rio de Janeiro

Titulo do original:  
*Le structuralisme*  
(Coll. “Que sais-je?”, n.º 1311)

Copyright by  
*Presses Universitaires de France, Paris*  
1979

---

Av. Vieira de Carvalho, 40 – 5.º andar  
CEP 01210 – Tels. 223-4619 e 223-6923

Vendas: Rua Marquês de Itu, 79  
CEP 01223 – Telefone 221-8599  
São Paulo – SP  
Rua da Proclamação, 226 Bom Sucesso  
Rio de Janeiro – RJ

# INDICE

## **CAPÍTULO I. – Introdução e Posição dos Problemas**

1. Definições .....	5
2. A totalidade .....	10
3. As transformações .....	12
4. A auto-regulação .....	15

## **CAPÍTULO II. – As Estruturas Matemáticas e Lógicas**

5. A noção de grupo .....	18
6. As estruturas-mães .....	21
7. As estruturas lógicas .....	26
8. Os limites vicariantes da formalização .....	29

## **CAPÍTULO III. – As Estruturas Físicas e Biológicas**

9. Estruturas físicas e causalidade .....	33
10. As estruturas orgânicas .....	39

## **CAPÍTULO IV. – As Estruturas Psicológicas**

11. Os inícios do estruturalismo em psicologia e a teoria da <i>Gestalt</i> .....	45
12. Estruturas e gênese da inteligência .....	51
13. Estruturas e funções .....	56

## **CAPÍTULO V. – O Estruturalismo Lingüístico**

14. O estruturalismo sincrônico .....	61
---------------------------------------	----

15. O estruturalismo transformacional e as relações entre a ontogênese e a filogênese .....	66
16. Formação social, inatismo ou equilibração das estruturas lingüísticas .....	71
17. Estruturas lingüísticas e estruturas lógicas .....	75

**CAPÍTULO VI. – A Utilização das Estruturas nos  
Estudos Sociais**

18. Estruturalismos globais ou metódicos .....	79
19. O estruturalismo antropológico de Claude Lévi-Strauss .....	86

**CAPÍTULO VII. – Estruturalismo e Filosofia**

20. Estruturalismo e dialética .....	97
21. Um estruturalismo sem estruturas .....	104

<b>CONCLUSÃO</b> .....	111
------------------------	-----

# CAPÍTULO I

## INTRODUÇÃO E POSIÇÃO DOS PROBLEMAS

1. *Definições.* – Tem-se dito, freqüentemente, que é difícil caracterizar o estruturalismo, pois ele se revestiu de formas por demais variadas para que possam apresentar um denominador comum, e as “estruturas” esboçadas adquiriram significações cada vez mais diferentes. Comparando os diversos sentidos que o estruturalismo tomou nas ciências contemporâneas e nas discussões correntes, cada vez mais em moda, parece possível, entretanto, tentar-se uma síntese, mas sob a condição expressa de distinguir os dois problemas, sempre ligados de fato ainda que independentes de direito, ou seja, o do ideal positivo que recobre a noção de estrutura nas conquistas ou esperanças das diversas variedades de estruturalismo, e o das intenções críticas que acompanharam o nascimento e o desenvolvimento de cada uma delas, em oposição com as tendências reinantes nas diferentes disciplinas.

Entregando-se a esta dissociação, deve-se então reconhecer que existe um ideal comum de inteligibilidade que alcançam ou investigam todos os “estruturalistas”, ao passo que suas intenções críticas são infinitamente variáveis: para uns, como nas matemáticas, o estruturalismo se opõe à compartimentagem dos capítulos heterogêneos reencon-

[7]

trando a unidade graças a isomorfismos; para outros, como nas sucessivas gerações de lingüistas, o estruturalismo se distanciou sobretudo das pesquisas diacrônicas, que se estribam em fenômenos isolados, para encontrar sistemas de conjunto em função da sincronia; em psicologia, o estruturalismo combateu por

mais tempo as tendências “atomísticas”, que procuravam reduzir as totalidades às associações entre elementos prévios; nas discussões correntes vê-se o estruturalismo queixar-se do historicismo, do funcionalismo e, às vezes mesmo, de todas as formas de recurso ao sujeito humano em geral.

É evidente, portanto, que, se se procura definir o estruturalismo em oposição a outras atitudes e insistindo sobre aquelas que pôde combater, não se encontrará senão diversidade e contradições ligadas a todas as peripécias da história das ciências ou das idéias. Em compensação, centrando-se sobre os caracteres positivos da idéia de estrutura, encontram-se, pelo menos, dois aspectos comuns a todos os estruturalismos: de uma parte, um ideal ou esperanças de inteligibilidade intrínseca, fundadas sobre o postulado de que uma estrutura se basta a si própria e não requer, para ser apreendida, o recurso a todas as espécies de elementos estranhos à sua natureza; por outro lado, realizações, na medida em que se chegou a atingir efetivamente certas estruturas e em que sua utilização evidencia alguns caracteres gerais e aparentemente necessários que elas apresentam, apesar de suas variedades.

Em uma primeira aproximação, uma estrutura é um sistema de transformações que comporta leis enquanto sistema (por oposição às propriedades dos elementos) e que se conserva ou se enriquece pelo próprio jogo de suas transformações, sem que estas conduzam para fora de suas fronteiras ou façam apelo a elementos exteriores. Em resumo, uma estrutura compreende os caracteres de totalidade, de transformações e de auto-regulação.

[8]

Em uma segunda aproximação, mas pode tratar-se de uma fase bem ulterior e também sucedendo imediatamente à descoberta da estrutura, esta deve poder dar lugar a uma formalização. Contudo, é preciso deixar claro que essa formalização é obra do teórico, ao passo que a estrutura é independente dele, e pode traduzir-se imediatamente em equações lógico-matemáticas ou passar pelo intermediário de um

modelo cibernético. Existem, portanto, diferentes graus possíveis de formalização, dependentes das decisões do teórico, ao passo que o modo de existência da estrutura que ele descobre deve ser determinado em cada domínio particular de pesquisa.

A noção de transformação nos permite, primeiramente, delimitar o problema, porque se fosse preciso englobar na idéia de estrutura todos os formalismos, em todos os sentidos do tempo, o estruturalismo recobriria, de fato, todas as teorias filosóficas não estritamente empiristas que recorrem a formas ou a essências, de Platão a Husserl, passando sobretudo por Kant, e mesmo certas variedades de empirismo como o “positivismo lógico”, que faz apelo a formas sintáticas e semânticas para explicar a lógica. Ora, no sentido definido há pouco, a própria lógica não comporta sempre “estruturas”, enquanto estruturas de conjunto e de transformações: ela permaneceu, em múltiplos aspectos, tributária de um atomismo bastante resistente e o estruturalismo lógico está apenas em seus inícios.

Limitar-nos-emos, portanto, neste pequeno trabalho, aos estruturalismos próprios às diferentes ciências, o que já é uma empresa bastante arriscada, e também, para terminar, a alguns movimentos filosóficos inspirados em diversos graus pelos estruturalismos procedentes das ciências humanas. De início, todavia, convém comentar um pouco a definição proposta e esclarecer porque uma noção aparentemente tão abstrata como um sistema de transforma-

[9]

ções, fechado sobre si mesmo, pode fazer nascer em todos os domínios tão grandes esperanças.

2. *A totalidade.* – O caráter de totalidade próprio às estruturas é evidente, uma vez que a única oposição sobre a qual todos os estruturalistas estão de acordo (no sentido das intenções críticas consideradas em 1) é aquela das estruturas e dos agregados, ou compostos a partir de elementos independentes do todo. Uma estrutura é, por certo, formada de elementos, mas estes estão subordinados às leis que caracterizam o sistema



como tal; e essas leis, ditas de composição, não se reduzem a associações cumulativas, mas conferem ao todo, enquanto tal, propriedades de conjunto distintas daquelas que pertencem aos elementos. Por exemplo, os números inteiros não existem isoladamente e não se os descobriu em uma ordem qualquer para os reunir, em seguida, em um todo: eles não se manifestam senão em função da própria seqüência dos números e esta apresenta propriedades estruturais de “grupos”, “corpos”, “anéis” etc., bem distintas das que pertencem a cada número que, por seu lado, pode ser par ou ímpar, primo ou divisível por  $n > 1$  etc.

Porém, esse caráter de totalidade levanta de fato muitos problemas, dos quais conservaremos os dois principais, um relativo à sua natureza e o outro ao seu modo de formação ou de pré-formação.

Seria falso crer que em todos os domínios as atitudes epistemológicas se reduzem a uma alternativa: ou o reconhecimento de totalidades com suas leis estruturais ou uma composição atomística a partir de elementos. Quer se trate de estruturas perceptivas ou *Gestalt*, de totalidades sociais, classes sociais ou sociedades inteiras, etc., constata-se que, às pressuposições associacionistas para a percepção ou individualistas para a sociologia etc., opuseram-se, na história das idéias, duas espécies de concepções, das quais apenas a segunda parece conforme ao espírito do estruturalismo contemporâneo. A primeira consiste em se contentar em inverter a tenta-

[10]

tiva que parecia natural aos espíritos querendo proceder do simples ao complexo, em colocar, sem mais, as totalidades desde o início segundo uma espécie de “emergência”, considerada como uma lei da natureza. Quando Auguste Comte queria explicar o homem pela humanidade e não mais a humanidade pelo homem, quando Durkheim considerava o todo social como emergindo da reunião de indivíduos como as moléculas da reunião dos átomos, ou quando os *Gestaltistas* acreditavam

discernir nas percepções primárias uma totalidade imediata, comparável aos efeitos de campo no eletromagnetismo, tinham, sem dúvida o mérito de nos lembrar que um todo é outra coisa além de uma simples soma de elementos prévios, mas, considerando o todo como anterior aos elementos ou contemporâneos de seus contatos, simplificavam sua tarefa com o risco de deixar escapar os problemas centrais da natureza das leis de composição.

Ora, além dos esquemas de associação atomística e os de totalidades emergentes, existe uma terceira posição, que é a das estruturas operatórias: é aquela que adota desde o início uma atitude relacional, segundo a qual o que conta não é nem o elemento nem um todo se impondo como tal, sem que se possa precisar como, e sim as relações entre os elementos ou, em outras palavras os procedimentos ou processos de composição (segundo se fale de operações intencionais ou de realidades objetivas), não sendo o todo senão a resultante dessas relações ou composições, ruias leis são as do sistema.

Mas surge então um segundo problema, muito mais grave, que é em verdade o problema central de todo estruturalismo: são as totalidades por composição sempre compostas, mas como ou por quem, ou estiveram antes de tudo (e estão sempre) em vias de composição? Em outras palavras, comportam as estruturas uma formação ou não conhecem senão uma pré-formação mais ou menos eterna?

Entre as gêneses sem estrutura que supõe a associação atomística, e às quais o empirismo nos habituou, e as totalidades ou formas sem gênese que arriscam assim, sem cessar, a reunir-se ao terreno transcendental das essências, das

[11]

idéias platônicas ou das formas *a priori*, o estruturalismo é chamado a escolher ou a encontrar soluções de superação. Ora, é naturalmente sobre esse ponto que as opiniões mais divergem, até àquelas segundo as quais o problema da estrutura e da gênese não poderia se colocar, sendo a primeira intemporal por

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

